UROBOROS: UMA BABILÔNICA ESCRITA EM DIREÇÃO À IMPOSSIBILIDADE DE FIM*

Marcela Magalhães de Paula (UniBo-Itália)[1]

Nas palavras de Eduardo Lourenço (2008), a ficção de António Lobo Antunes serve "como revelador daquilo que nós mesmos não queríamos ver, que nós mesmos não queremos ver, não apenas a morte exterior, brutal e trágica, mas outra realidade mais profunda, a nossa realidade de seres confrontados com qualquer coisa ainda mais profunda que a morte" (*apud* CABRAL, 2004, p. 352).

Como que para não fugir à regra, no romance *Ontem não te vi em Babilónia*[3], um dos livros que está entre os 50 finalistas do Prêmio Portugal Telecom de Literatura em Língua Portuguesa de obras publicadas em 2008[4], vemos emergir um universo profundo em que cerca de uma dezena de personagens relatam suas angústias, durante uma noite de insônia. A obra traz à baila o que a vida tem: as lágrimas, as traições, a perda, o desencanto, alguma esperança. Afinal, segundo o autor em relação ao próprio romance, ele tentou pôr a vida inteira entre *"as capas de um livro"*.

Assim, tais indivíduos se debruçam e confrontam, relembrando Lourenço, situações mais profundas que a morte: "que é sofrimento, a injustiça que nós infligimos aos outros, a nossa própria miséria, os nossos terrores sepultos". Desse modo, entre a meia-noite e as cinco da manhã, várias personagens revelam-se e escondem-se em mais de quatrocentas páginas em que narram um misto de lacunas entre a memória e o(s) esquecimento(s), em que "de tão exagerada a infelicidade dava vontade de gritar [...]" (Antunes, 2008, p. 9).

Nesse universo construído na inquietude, encontramos Ana Emília,

---

* Livro resenhado: ANTUNES, António Lobo. *Ontem não te vi em Babilónia*. Lisboa: Alfaguara/Objetiva, 2008.

[1] Doutoranda em Iberística pela Università degli Studi di Bologna.

[2] CABRAL, Eunice et al. *A escrita e o mundo em António Lobo Antunes.* Actas do Colóquio Internacional da Universidade de Évora. Lisboa: Dom Quixote, 2004.

[3] *Ontem não te vi em Babilónia* foi publicado no Brasil somente em 2008, apesar da edição lusitana datar de 2006.

[4] A premiação somente ocorrerá em setembro de 2009, em que Júri Intermediário selecionará as 10 obras finalistas e o Júri Final, que escolherá os três vencedores. Além disso, o livro foi agraciado com o Prêmio Juan Rulfo 2008.

amante de um ex-torturador da ditadura salazarista e mãe de uma menina que se enforcou aos quinze anos de idade. Além de Ana Emília, as vozes de Osvaldo e de Alice, casada com o amante da mãe da suicida, apresentam-se em todas as partes do livro, mudando a ordem de suas elocuções de duas em duas partes. Dessa maneira, a obra é dividida em seis grandes partes, em que vemos as confissões das personagens, dos seus desencontros, das suas impossibilidades de fundamentar a própria existência em meio à solidão, à própria noite[5]. Aliás, a noite aqui pode ser encarada como a própria literatura.

Camille Paglia[6] nos fala que "o próprio dia é invadido pela noite daimônica" (p. 16). Ou seja, que de dia somos indivíduos sociais, todavia à noite submergimos no mundo dos sonhos, onde impera a nossa real natureza, a obscuridade. A noite assombra nosso estado de vigília para contrariar as "tentativas de virtude e ordem, dando a objetos e pessoas uma aura misteriosa que nos é revelada pelos olhos do artista".

Em *Ontem não te vi em Babilónia* vemos que não apenas a noite assombra os estados de vigília, mas também ela não deixa as personagens repousarem, pois ela consiste no próprio palco onde são apresentadas e representadas a vida e a morte, "morte como impossibilidade de morte", para citar Maurice Blanchot (1993). Ou seja, a eterna tortura. Assim, cada uma das seis partes maiores compõem um momento da noite, uma faceta da escritura.

Em meio a toda essa confusão, a noite e a literatura se confundem como espaço em que não se pode afirmar a verdade, posto que é representação; ainda assim não chega a constituir-se como mentira, pois apresenta-se como situação. No romance, a criação se funde com a memória. Naquele contexto, entretanto, a literatura não é a noite, "mas a consciência da noite que sem repouso vela para se surpreender e por causa da qual se dissipa sem repouso", segundo Blanchot[7]. Aliás, a noite como transmutação e representação da literatura na obra antunia-

[5] Aliás, a palavra noite chega a aparecer cerca de 100 vezes nas 440 páginas da edição brasileira.

[6] PAGLIA, Camille. *Personas Sexuais: arte e decadência de Nefertite a Emily Dickison.*São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

[7] BLANCHOT, Maurice. *La part du feu*. Paris: Gallimard, 2003. p. 317.

na não é algo inédito. De acordo com estudo feito por Cid Ottoni Bylaartd[8], na obra *Não entres tão depressa nessa noite escura,* "a grande figuração explorada no romance de Lobo Antunes é a noite escura, relacionada à escrita, e também à questão da impossibilidade da morte"[9].

Em *Ontem não te vi em Babilónia*, as personagens são "escritores" mais ou menos conscientes do ato da escritura. Em seus discursos agônicos, a desconfiança das próprias declarações mostra uma veemente instabilidade. A escritura aparece como uma expectativa frustrada de uma fala desprovida de possibilidades, em que o incômodo se instaura, em que a solidão grita e arranha as paredes da escritura. Assim, Alice pede ao leitor que prolongue mais sua companhia dentro do seu depoimento, pois teme. Teme. Teme ficar sozinha com seus ruídos, com as lembranças e os vazios. Desse modo, até a solidão se torna construção linguística. No entanto, na obra até o pacto narrativo é quebrado quando no texto surge a própria voz de Lobo Antunes, que antes só aparecera de forma velada e indireta: "chamo-me António Lobo Antunes, nasci em São Sebastião da Pedreira e ando a escrever um livro" (2008, p. 422).

No romance em questão, a marcação do tempo é experienciada pela consciência interior, em que quase basta por si mesma: "tinha certeza que eram duas horas da manhã sem precisar conferir porque qualquer coisa mudou de direcção lá fora ou aqui [...]" (p. 144). Dessa maneira, o tempo real passa a ser audível, quando passa pelo corpo nem precisando ser nomeado no escuro: "Quando estou muitas horas acordada a sentir o tempo que não sei para onde vai no relógio eléctrico, sei que passa por mim num zumbidinho de leve, começo a distinguir coisas no escuro, primeiro os móveis que deixam de ser móveis e perderam o nome (...)"[10] (p. 75).

Segundo Pires[11], Hegel adverte-nos ao fato de Adão demonstrar seu

[8] BYLAARDT, Cid Ottoni. *Lobo Antunes e Blanchot: O Diálogo da Impossibilidade - (Figurações da escrita na ficção de António Lobo Antunes)*. Tese de Doutorado em Literatura Comparada. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2006. p. 30.

[9] A título de ilustração como provável influência na sua escritura , Lobo Antunes declarou certa vez, em entrevista concedida a Baptista-Bastos, ter lido mais de vinte vezes o livro do francês Louis-Ferdinand Céline, *Viagem ao fim da noite.* (ANTUNES, António Lobo. Escrever não me dá prazer. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, 19/11/1985. In: Arnaut, Ana Paula. *Entrevistas com António Lobo Antunes, 1979-2007:* confissões do trapeiro. Lisboa: Almedina, 2008).

domínio sobre os animais ao dar-lhes um nome, ou seja, tirou-lhes da categoria do "sendo" e dotou-lhes à condição de seres ideais em si. Assim, por analogia, se um nome pode ser validado como um esboço inicial de referenciação para designá-lo e sugerir uma possível "individuação", a personagem inverte o ato de Adão: tira-lhes a condição de seres e lança-lhes ao "sendo", destituindo os móveis inclusive da função de móveis. Entretanto, se pudéssemos estabelecer uma hierarquia do tipo: Ser ← sendo ← nada não poderíamos afirmar em qual categoria esses móveis, que deixaram de ser móveis, foram enquadrados, pois o universo do livro conspira a favor do ambíguo, na fusão entre a imaginação e a memória. Se a vida é um livro, até mesmo a memória (ficcional) pode ser uma representação, ou seja, criação ou mito: "[...] acabar este livro que não é um livro, é a vida" (Antunes, 2008, p. 430).

Em meio aos inquietantes sentidos provocados pelos (e nos) discursos das personagens, audíveis são os miados desesperados de gatos[12] enterrados vivos que vão se extinguindo, mostrando que o silêncio e a morte vencem, mas continuam a existir na memória e se perpetuam também nas páginas de um livro e da vida. Audíveis são os rumores produzidos pela boneca dada pelo ex-policial à adolescente suicida, sua voz cortada, a incapacidade de narrar. A boneca que exigia a insônia: "[...] a boneca de minha filha a recriminar-me se adormeço [...]" (p. 401). Os mortos também estão em meio à insônia. Eles também não repousam, não se calam. Estão dentro da morte impossibilitados de morrer. Dentro de uma noite escura, mas que se pensa poder entrever e distinguir algo na obscuridade fantasmagórica. Nessa dispersão de falas, em que o silêncio faz ruídos.

Na longa madrugada, a impossibilidade faz refletir o infinito, ecoando

[10] O "estar muitas horas acordadas" surge várias vezes no livro como que para reperticutir no leitor uma certa desconfiança do que é narrado: "[...] uma e trinta e dois da manhã e quando estou muitas horas acordada principio a distinguir coisas no escuro, primeiro os móveis que deixaram de ser [...]" (*ONTVB*, p. 89).

[11] PIRES, Orlando. *Manual de Teoria e Técnica Literária*. Rio de janeiro: Presença, 1989.

[12] "[...] E lá estão eles no quintal a empalidecerem a terra onde sepultamos os bichos, planetas mortos iluminando gatos mortos com seu halo antigo [...]" (*ONTVB*, p. 91). A figura do gato vai aparecer diversas vezes no texto, sempre relacionado ao universo noturno, à morte e à angústia: (p. 33, p. 91, p. 154, p. 168, p. 170, p. 203, p. 427).

uma dor que dança como a garota suicida agarrada à mãe. O livro conclui-se inconcluso. Na verdade, parece morder o próprio rabo como um uroboros, que não consegue acabar-se, mesmo quando o fim representa a possibilidade de repouso ou paz. Como Lobo Antunes se referiu certa vez em entrevista que sempre está a reescrever o mesmo livro[13], talvez uma pista para o final de *Ontem não te vi em Babilónia* esteja na fala de Pedro, uma personagem da obra *Eu hei-de amar uma pedra*[14]: "as coisas não acabam quando a gente pensa que ideia, supomos que terminaram e aí estão elas no interior de nós" (p. 565).

Pois assim, "no interior de nós", os elementos da escritura antuniana se perpetuam. Lá estão novamente os elementos que perpassam toda a obra de Antunes: morte, angústia, inquietude, tortura, ecos da época salazarista e, justamente por ser uma obra de António Lobo Antunes, perpassamos Portugal. Dessa maneira, como um Uroboros, concluímos com as palavras de Eduardo Lourenço (2004), em "Divagação em torno de Lobo Antunes":

> a obra de António Lobo Antunes é uma descida, não apenas nesse inferno particular que nós chamamos realmente de loucura, mas qualquer coisa de mais interessante e mais profundo. É uma descida a um subterrâneo, para empregar uma imagem de Dostoiévski, que é um subterrâneo que sempre esteve presente, naturalmente, e que os grandes autores sempre foram capazes, de Dante até Dostoiévski, de recuperar [...] (p. 354-355).

[13] "Pelo menos para mim, cada livro serve para corrigir o anterior. No fundo, o que tenho escrito, livro a livro, é uma Memória de elefante sucessivamente corrigida". Antunes em entrevista concedida a Rodrigues da Silva (ANTUNES, António Lobo. Entrevista concedida a Rodrigues da Silva. "Mais perto de Deus". *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, 6/10/1999. In: Arnaut, Ana Paula. *Entrevistas com António Lobo Antunes, 1979-2007: confissões do trapeiro*. Lisboa: Almedina, 2008. p. 323).

[14] ANTUNES, António Lobo. *Eu hei-de amar uma pedra*. Lisboa: Dom Quixote, 2004.